

AMADORA: o feminino no virar do século XIX

Nos finais do século XIX, a Amadora constituía um povoado rural, com um aglomerado populacional formado por pequenos lavradores seareiros, trabalhadores rurais, moleiros, padeiros e alguns operários, uma parte significativa dos quais laborava em Lisboa ou, então, nas pedreiras localizadas a norte da localidade. População, na sua maioria analfabeta¹, em especial as mulheres, este facto reflectia-se necessariamente na existência de uma importante mão de obra indifferenciada utilizada nos campos e que, muitas vezes, para poder usufruir de melhores condições de vida, se via obrigada a procurar melhor sorte noutros lugares. Esta ruralidade reflectia-se igualmente na configuração do povoado, com os seus casais, e na estrutura de consumo, onde tinha um peso significativo a parte referente à procura de bens alimen-

tares e, de entre estes, principalmente os cereais.

A agricultura praticada assentava ainda em práticas tradicionais, que reflectiam o lento desenvolvimento do país. Cândido de Almeida, numa das raras alusões à Porcalhota, que encontramos na literatura económica do último terço de Oitocentos, escolhia os epítetos de "atrasada" e "mal aproveitada"² para descrever a agricultura da região, sublinhando assim o atraso técnico que a caracterizava.

No virar do século XIX para o XX, a situação alterar-se-ia significativamente. A Amadora não ficaria indifferente às transformações que se verificavam no país. A modernização dos meios de transporte, sobretudo a implementação da via férrea, contribuiria decisivamente para o desenvolvimento económico da região e para a sua conseqüente transformação urbanística.

O comboio, que chegou à Amadora em 1887, juntamente com o eléctrico da Carris (cujas carreiras regulares até Benfica se iniciaram em 1921) e a camionagem, através das empresas Eduardo Jorge e Joaquim Luís (Martelo), facilitaram os acessos à região.

Este fenómeno, associado ao baixo custo dos terrenos, atractivo para empresários empreendedores, seria determinante nas alterações do tecido industrial da Amadora do primeiro terço deste século. Gradualmente, as pequenas oficinas foram cedendo o seu lugar a unidades industriais de maior porte (se bem que não se possa ainda falar de grande indústria), que

potenciaram o desenvolvimento económico da região.

As transformações verificadas não deixaram de provocar alguns desajustamentos sociais, decorrentes das dificuldades de adaptação de uma população carenciada – económica e culturalmente – às novas realidades. Neste quadro, adquiriu particular significado a intervenção de algumas mulheres, nas áreas que então lhe estavam reservadas, sobretudo a assistência e o ensino.

Não obstante se tratassem de personalidades distintas, com uma formação e ideário próprios, e vissem em épocas diferentes, viram-se unidas pelo seu amor à terra que as acolheu ou onde nasceram, e em cujos problemas principais não deixaram de se rever.

Beatriz Nery Gomes, Sílvia Cardoso, Libânia do Carmo, Alice Leite, Maria Irene Lopes de Azevedo (esta uma empresária que deu continuação à obra do pai – António Cardoso Lopes) ou **Seomara da Costa Primo** foram algumas das mulheres, que se notabilizaram neste período, com maiores ou menores dificuldades, com um maior ou menor protagonismo, com uma intensidade de intervenção diferente do ponto de vista da projecção social. Nomes que a história da Amadora não poderá esquecer e cuja memória queremos aqui reviver.

¹ O analfabetismo era particularmente sentido nas mulheres, o que, na sua maioria, por razões económicas, sociais e culturais, não tinham acesso ao ensino.

² Almeida, Cândido de, *Portugal Rural*, Coimbra, 1888, p. 121.

Carolina Simões

Carolina Barbosa Camilo Martinho Simões, nasceu na Póvoa de Rio de Moirinhos, concelho de Castelo Branco, em Setembro de 1898.

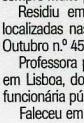
Carolina Simões frequentou o Liceu de Castelo Branco e após concluir o curso do Magistério Primário, foi colocada em escolas de vários pontos do país, nomeadamente, nos Moninhos (Figueiró dos Vinhos), Caldas da Rainha, Amadora, Barcarena, Lisboa, tendo numa delas conhecido Artur Martinho Simões, também professor primário (figura destacada no movimento associativo da Amadora, tendo sido vice-presidente da Câmara de Oeiras, presidente da Junta de freguesia da Amadora e da Associação Académica amadoraense, para além de historiador dos assuntos locais).

Carolina Simões foi sócia fundadora e directora do Externato Rainha Santa Isabel, na Rua Gil Vicente, n.º 11, já desaparecido, e também do Externato Mestre de Avis, na Rua



5 de Outubro n.º 45, para além de manter ligações a outro externato, D. Estefânia, também na Amadora.

Senhora muito conhecida no meio estudantil e da população residente nas proximidades dos colégios, dos quais foi proprietária, e cuja residência manteve sempre muito próxima destes.



Residiu em várias moradias da Amadora, duas delas localizadas nas ruas Heliodoro Salgado, n.º 5 e na rua de Outubro n.º 45, já desaparecidas.

Professora primária, durante muitos anos, na Escola n.º 1 em Lisboa, donde saiu para se aposentar na qualidade de funcionária pública.

Faleceu em Maio de 1989.

PRACETA CAROLINA SIMÕES - FREGUESIA DA VENTEIRA

Libânia do Carmo

Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque nasceu a 15 de Junho de 1843, na Quinta do Bosque designada na altura por Porcalhota, filha de Maria da Purificação de Sá Ferreira e de Nuno Tomás de Mascarenhas Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque.

Ficou órfã ainda criança, devido às epidemias de cólera e febre amarela, pelo que viveu alguns anos no Asilo Real da Ajuda, tendo sido educada pelas Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo, religiosas francesas chamadas pelo Rei D. Pedro V com a finalidade de se dedicarem à educação dos órfãos de famílias nobres vítimas das epidemias.

Mais tarde, em 1862, foi acolhida no Palácio dos Marquesses de Vaiada, amigos dos pais de Libânia.

A sua sensibilidade e riqueza humana levou-a a procurar a vida religiosa para se entregar ao serviço dos necessitados. Ao entrar para o Recolhimento de S. Patrício recebeu o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus. Após o seu noviciado realizado em Calais, França, regressou a Portugal no dia 14 de Abril de 1871.

"Em cerimónia solene, presidida pelo Padre Raimundo dos Anjos Beirão, que a apoio e orientou, assume o cargo de



Superiora de todas as companheiras que com ela se haviam consagrado". Assim, a 3 de Maio de 1871, nasceu a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitalares dos Pobres por Amor de Deus*.

Profundamente conhecedora dos problemas da sociedade da sua época, a Irmã Maria Clara, com o seu dinamismo e abnegação, coordenou diversas obras em colégios, hospitais, creches, assistência a inválidos e crianças, domicílios e cozinhas económicas. "Tratai bem toda a gente", um conselho que frequentemente repetia, tornou-se a sua forma de vida.

Está em curso a causa da sua processo de beatificação. Libânia do Carmo, a Irmã Maria Clara, faleceu em Lisboa no dia 1 de Dezembro de 1899.

PRACETA LIBÂNIA DO CARMO - FREGUESIA DA FALAGUEIRA

* In "A Irmã dos Pobres", n.º 1, 1993, Secretariado Madre Maria* Clara, CONFIC.
* Esta Congregação veio depois a chamar-se Franciscanas Hospitalares Portuguesas e hoje denomina-se Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitalares da Imaculada Conceição.

M.ª Irene Lopes de Azevedo

Maria Irene Lopes Soares de Azevedo nasceu em Lisboa, em 24 de Fevereiro de 1906.

Com sete meses, veio com os seus pais para a Porcalhota à procura de melhores ares, quando a localidade tinha fama de cura ambiental de várias maleitas.

Maria Irene sofria de tosse convulsa e a sua vinda para a Amadora haveria de ser decisiva para o desenvolvimento do Bairro da Mina, através de seu pai, António Cardoso Lopes, hoje uma das freguesias mais importantes da localidade, de cujos terrenos se tornou proprietário.

Concluído o Curso Superior de Piano do Conservatório de Lisboa, tomou conta dos negócios da empresa de seu pai no Bairro da Mina, tendo também alguma responsabilidade na educação de seus irmãos, um deles o hoquista internacional



e campeão do mundo, Álvaro Lopes, depois do falecimento de sua mãe.

Notabilizou-se como a continuadora da obra deixada pelo pai, António Cardoso Lopes (o Lopes da Mina, como era conhecido) ao assumir a gerência da "Empresa Bairro Parque da Amadora" e, com ela, a urbanização de uma grande parte do Bairro da Mina, cujo nome ficou pela importância da água descoberta pelo seu progenitor e que foi uma referência durante muitos anos do século passado.

Foi designada patrona da Escola do 10 Cício do Ensino Básico, situada no Largo António Feliciano de Castilho, na freguesia da Venda Nova.

Maria Irene Lopes de Azevedo faleceu a 25 de Outubro de 1981.

RUA MARIA IRENE AZEVEDO - FREGUESIA DA MINA

M.ª Luísa Caneças

Maria Luísa Pereira Caneças nasceu a 8 de Abril de 1901, em Lisboa, na freguesia de Belém.

Carlos Duarte Caneças, marido de Maria Luísa, era proprietário de terrenos agrícolas, herdados de seus pais quando os lugares da hoje Amadora pertenciam administrativamente ao concelho de Belém, sendo um dos seus antepassados vereador da autarquia belenense.

Depois de ter posto de parte a exploração agrícola dos terrenos partiu-se para a urbanização dos vários lotes,



isto já no século XX, na qual se envolveu a família Caneças e a Câmara Municipal de Oeiras.

Perante a carência de creches para os filhos dos residentes a habitar os prédios, que entretanto foram sendo construídos na Damaia de Cima, resolveu a família Caneças oferecer um espaço e respectiva construção à Câmara Municipal de Oeiras, tendo em vista o funcionamento de um externato para crianças.

A Câmara Municipal de Oeiras, obtido o acordo da família, resolveu dar o nome de Maria Luísa Caneças à creche, cuja gestão ficou a cargo da autarquia, sendo então Presidente da Câmara, o Sr. Subtil.

Maria Luísa Caneças nunca esteve ligada ao ensino, sendo sempre dona de casa e acompanhando o marido nos negócios familiares.

Maria Luísa Caneças faleceu em Novembro de 1965.

PRACETA MARIA LUÍSA CANEÇAS - FREGUESIA DA DAMAIA

Seomara da Costa Primo



Seomara da Costa Primo nasceu em Lisboa, na freguesia do Socorro, em 10 de Novembro de 1895. Os seus progenitores foram Maria Luísa Buttuller e Manuel da Costa Primo.

Estudou no Liceu Passos Manuel, tendo concluído o Curso Complementar de Ciências em 1913. Matriculou-se então no curso de Ciências Histórico-Naturais da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que terminou com a classificação final de 18 valores.

Iniciou a sua vida profissional como preparadora do Instituto de Histologia e de Embriologia, lugar que viria a abandonar para se dedicar ao ensino liceal.

Frequentou o curso do Magistério Liceal, tendo realizado o Exame de Estado em 1922. Começou a leccionar no Liceu Almeida Garrett (mais tarde Maria Amália Vaz de Carvalho), acumulando o magistério com a investigação e a intervenção cívica e sócio-profissional.

Activista do movimento associativo de professores, foi uma das fundadoras da Federação das Associações dos Professores de Liceu Portugueses, cujos corpos gerentes chegou a integrar.

O interesse pela investigação levou-a a frequentar, no ano lectivo de 1917-1918, as cadeiras de Histologia e Embriologia, do curso de Medicina. Vinte e cinco anos mais tarde, em 1942, doutorou-se em Ciências, tendo sido a primeira mulher a fazê-lo nesta área. Tal honra mereceu-lhe várias distinções na imprensa, bem como o acesso à cátedra de Botânica na Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1943.

Para trás ficava uma vida preenchida, dedicada ao ensino liceal (que chegou a acumular com o universitário) e à formação de professores. Entre 1931 e 1938, Seomara da Costa Primo fez parte do júri de admissão ao estágio do Liceu Pedro Nunes (1931) e da comissão encarregue de avaliar os trabalhos escolares do Liceu Normal (1933, 1934, 1936 e 1938). Neste ano integrou o júri nacional dos Exames de Estado ao Ensino Liceal.

Adepta dos novos métodos pedagógicos, ficou a dever-se a esta professora a introdução e utilização, no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, do cinema, enquanto instrumento didáctico. Aconteceu no dia 24 de Junho de 1929, com o filme "Chang", tendo o evento constituído assunto para uma

reportagem do suplemento "O Crifélio", do jornal "O Século", onde se salientavam as vantagens do cinema educativo como forma de aproximar os alunos da realidade.

O prestígio granjeado enquanto investigadora e professora valeu-lhe o convite para integrar várias instituições científicas nacionais e internacionais prestigiadas, como a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, a Sociedade Portuguesa de Biologia, a Sociedade Brotieriana e a Société Linéenne de Lyon. Do seu currículo, além da autoria de diversos compendios de Botânica, de Biologia e de Zoologia para o ensino liceal - profusamente ilustrados com aguarelas e carvões executados por si - fazem igualmente parte várias obras de carácter científico, que corporizaram a investigação que realizou durante vários anos.

Entre os títulos mais significativos, contam-se os seguintes livros: *Algumas Observações sobre a Folha de Cistus em Habitats Diferentes, Queilques Observations sur la Végétation de Sagres et ou Cabo de S. Vicente, O Grânulo do Polen na Classificação das Plantas e Da Influência dos Vapores do Timol e da Cânfora na Célula Vegetal*.

Intellectual polifacetada, Seomara desenvolveu um enorme interesse pelas formas de expressão artística, tendo-se dedicado à pintura em aguarela e ao desenho em carvão, através dos quais representou uma pluralidade de espécies do universo botânico e zoológico que estudou. Deixou-nos, de resto, várias obras, parte das quais está hoje reunida num espólio pertencente à *Escola Secundária Seomara da Costa Primo, na Amadora*.

Cidadã comprometida com a realidade do seu tempo, preocupou-se com a condição da mulher na sociedade em que viveu, dedicando particular atenção à educação das raparigas: "Quanto mais esclarecida (...) for [a mulher] (escreveu), tanto mais elevará a sua missão de mãe. A cultura nunca fará mal às raparigas. Poderá resultar melhor até, porque é a mulher, de facto, quem exerce mais influência no espírito dos filhos. Fomentar, pois, a sua cultura, elevar a sua mentalidade, é pedra de toque de um país verdadeiramente civilizado" (1943). Parte do seu espólio, constituído por mais de 600 peças, englobando aguarelas, textos, livros e objectos pessoais, está hoje reunido na *Escola Secundária Seomara da Costa Primo*.

Seomara da Costa Primo faleceu na Amadora, onde viveu cerca de meio século, no dia 2 de Abril de 1986.

RUA SEOMARA DA COSTA PRIMO - FREGUESIA DE S. BRÁS

Silvia Cardoso



Silvia Cardoso Ferreira da Silva, nasceu a 26 de Julho de 1882, na Casa da Torre, em Paços de Ferreira.

Em 1918, com o país a contarmos com a doença da pneumónica, começou a apoiar vários doentes atacados pela epidemia, tendo, também, sido contagiada, mas conseguiu resistir.

Em 1919, instalou em Paços de Ferreira o hospital começando a recolher crianças pobres ou abandonadas, fundando, logo a seguir, a creche de Santo António.

Em 1923 é a responsável pela Obra de Retiros para Leigos, mais tarde transferida para a casa da granja, em Gandra, Paredes.

Na Amadora, é convidada pelo então cardeal Cerejeira para organizar a Casa de Retiros da Quinta do Bosque, já pertencente ao patriarcado, desde 1932, tendo Silvia Cardoso adaptado o edifício em estado de grande degradação.

Depois de enorme trabalho de adaptação, em Março de 1932 estava fundada a Casa de Retiros do Patriarcado, na Quinta do Bosque, conforme nos diz o padre Moreira das Neves no livro "Anjo das Três Loucuras", dedicado à vida de Silvia Cardoso.

Em 26 de Julho de 1952, ainda foi realizada uma sessão solene na qual foi descerrado o retrato da homenageada.

A Casa de Retiros apoiava crianças abandonadas e raparigas em risco de prostituição, tendo existido ali, em 1936, a Obra de Santana com a mesma finalidade, sempre ligada à doutrina social da igreja.

O seu exemplo e estilo de vida tornaram-na uma referência para o seu tempo, tendo influenciado espiritualmente figuras tão diferentes como Guerra Junqueiro, Leonardo Coimbra, Antero de Figueiredo, Alfredo Cortês ou Queirós Ribeiro. Foram várias as casas de repouso e de retiros espirituais a que teve o seu nome ligado, entre as quais a Casa de Retiros Espirituais da Granja (fundada em 19 de Março de 1932) e a Casa de Retiros da Quinta do Bosque, na Amadora, que fundou e dirigiu.

Está em curso a causa do seu processo de beatificação. Silvia Cardoso faleceu em Paços de Ferreira a 2 de Novembro de 1950.

RUA D. SILVIA CARDOSO - FREGUESIA DA FALAGUEIRA

In "Oito Histórias de Mulheres" • Edição da CMA/2002
Recolha e texto de Alcino Pedrosa, Alves Silva e Maria Natal.
Gravado de Susana Pinto.